

ENSAIO

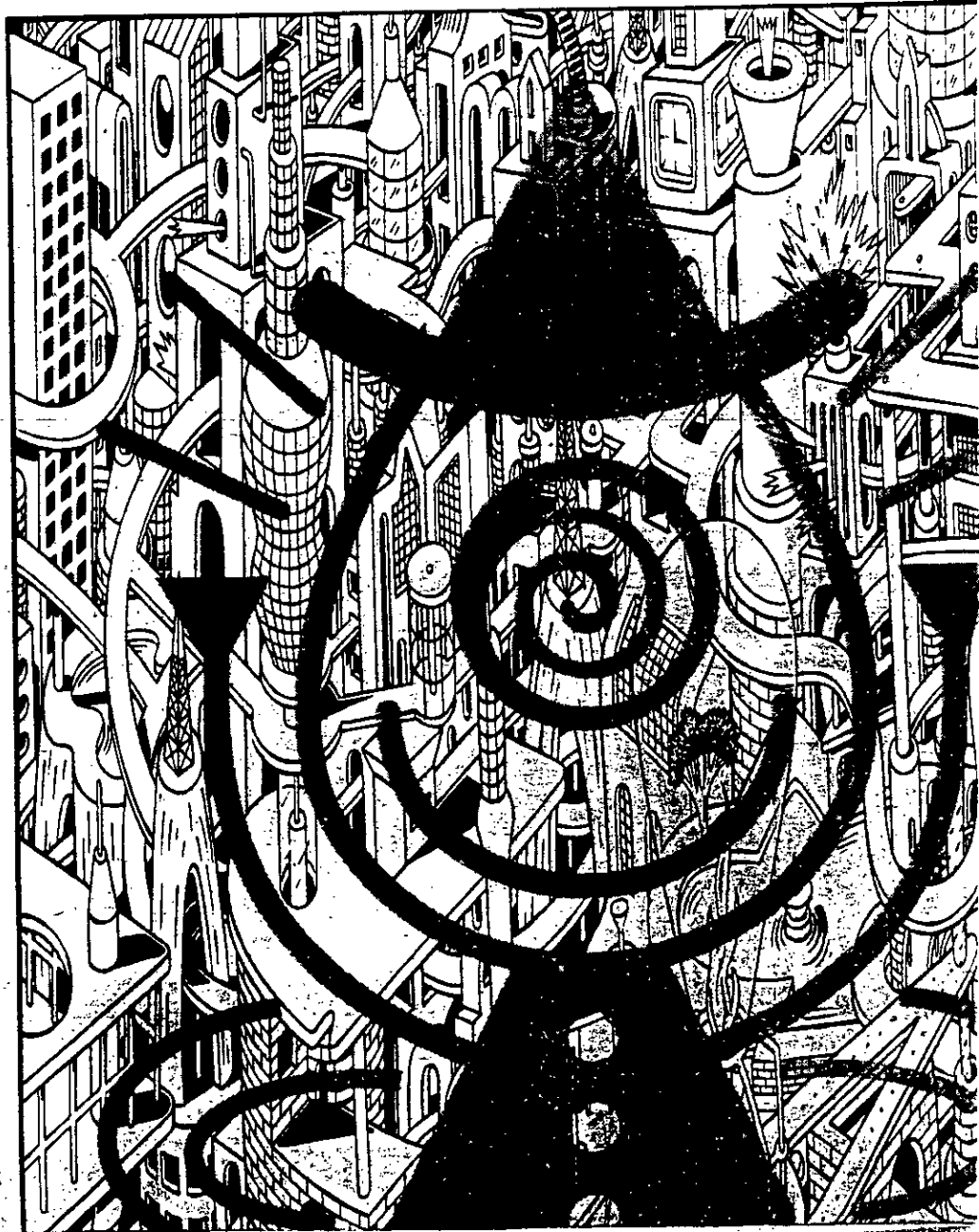
FLUSSER ENTRE APÁTRID.

O "Cultura" publica a segunda parte, inédita, do ensaio "Estrangeiros no Mundo", do escritor checo Vilém Flusser (morto na semana retrasada em Praga), que morou 30 anos no Brasil. O "Estado" havia publicado em janeiro deste ano a primeira parte. No texto, Flusser diz que patriotismo é "sintoma de enfermidade estética"

VILÉM FLUSSER

Nem todos temos pátria, mas todos moramos. Os clochards, sob as pontes de Paris; os nordestinos, nas favelas paulistas; os ciganos, nas caravanas e, embora seja difícil admiti-lo, morava-se em Auschwitz. Porque o homem é bicho que não pode viver, se não mora. Há várias maneiras de formular tal impossibilidade, mas a formulação informática é a menos sentimentalizante. Para captarmos informações, devemos dispor de redundâncias, porque sem redundância tudo que se capta não passa de ruído. E não é possível viver-se em mundo ruidoso, no caos. A morada é a redundância que me permite captar informações, como também criá-las a partir dos ruídos. Não morar, estar no caos, é loucura que leva ao aniquilamento.

Fiz casa em Robion, para nela morar. Em seu núcleo, está minha escrivania habitual com habitual desordem de papéis e livros. Em torno à casa, está a aldeia à qual me habituei, com seu correio, suas lojinhas, seu café, que se tornaram familiares para mim. Em torno de Robion, aqui e agora, se vislumbra ambiente cada vez mais in-habitual, quanto mais me afasto do centro: a Provence, a França, a Europa, o Globo, o Universo em expansão, os abismos do Nada; o Ano passado, as Pátrias perdidas, os abismos da História, da Pré-história e os da Origem; O próximo Ano, o Futuro que se aproxima, o abismo do Futuro longínquo e o da Eternidade. Estou imerso em hábitos, em costumes, em redundâncias: meio. Assim, permito-me captar informações e produzir informações com os ruídos que se apresentam. A dialética entre Robion e o mundo, entre o habitual e o aventureiro, entre o privado e o público é o que Hegel chamou de "consciência infeliz", ou seja, a consciência humana. "Se ganho o mundo perco-me e se me



2

a consciência humana. "Se ganho o mundo perco-me e se me ganho perco o mundo." Não posso insistir em Robion, sob pena de perder o mundo. Se estou no mundo, é porque moro e não insisto. O perigo da "abertura" é a perda da morada; a "senilidade", a perda da viagem. Ambos devem ser resistidos. Mas além da dialética externa entre morada e mundo, há a dialética interna da morada. O costume que permite perceber informações passa, ele próprio, despercebido. O habitual, que permite transformar ruídos em informações, não informa. Percebo em minha escrivadinha apenas os papéis e livros que chegaram pelo correio, mas não a

"A pátria prende com
mil fios misteriosos;
fecha a entrada ao
ruído, portanto, ao
belo; o patriota
confunde boniteza com
beleza, julgando bela
a pátria"

desordem habitual que sobre ela reina. O hábito é camada de algodão que encobre os fenômenos e ameniza as rebarbas. Os fenômenos habituais não são "problemas". Para percebermos algo, é preciso que não percebamos algo outro.

Um excursão à estética: para o famoso ciclo "feio-belo-bonito-feio": todo ruído que penetra meu hábito passa a ser belo quando transformado em informação; a ser bonito, quando integrado aos hábitos nos quais moro; finalmente passa a ser feio, quando é expulso como refugo. Tal ciclo estético (de "aisthestai": perceber, vivenciar) ilumina a dialética interna da morada. Mas permite também distinguir entre morador e patriota. O patriota confunde pátria com morada. A pátria prende com mil fios misteriosos; fecha a entrada ao ruído, portanto, ao belo; o patriota, como todo morador, vivencia sua morada com sendo bonita; não tendo experiência com o belo, confunde boniteza com beleza, julgando bela a pátria. O patriotismo é sintoma de enfermidade estética, porque transforma o hábito em algo misterioso.

MAS E PATRIOTAS

O patriota pode cometer crime ético-político ao santificar o costume. Tenho experiência disso toda vez que volto a São Paulo: para quem nela mora, a cidade é necessariamente "bonita"; para quem mora alhures é "feia", isto é, desafio para que se transforme em "bela"; mas, para o patriota, São Paulo é "bela". O costume mistificado encobre a feiúra, como, por exemplo, a das crianças famintas nas favelas e esquinas. Toda vez que volto, a aparente insensibilidade me choca. O choque dura duas semanas, depois me acostumo: moro novamente em São Paulo. O costume "patriotizado" é crime ético-político, ou seja, um "pecado" que o patriotismo glorifica. Confundir morada com pátria, costume

rio da pátria para nela se integrar. O migrante não pode viajar de pátria em pátria munido de chaves que as decifrem, porque seria preciso, primeiro, aprender as regras e, depois, esquecê-las. Por certo, o migrante pode forçar a fechadura e invadir a pátria dos outros, mas então não será patriota, porém imigrante, isto é, será "feio", será ruído para o nativo (o "bonito" que se toma por "bela"). E se o imigrante fizer o esforço de aprender o segredo do nativo, procurando "naturalizar-se", será mais "feio" ainda. Pois nada é mais estranho e, portanto, "feio" para o nativo do que querer decifrar o seu segredo (que ele próprio ignora) e, destarte, revelar-lhe sua banalidade. No entanto, da luta entre a beleza do nativo e a feiúra do imigrante pode surgir situação nova. Ambos serão alterados e a mútua alteração pode resultar em novo nó górdio, em novo segredo. Em poucas palavras, é a história da América e, provavelmente, de todas as pátrias não "primitivas". Eu próprio estive engajado em tal luta capaz de produzir novo segredo (nova pátria), no Brasil, durante muitos anos. Mas enquanto não surgir êxito a síntese entre nativo e imigrante — algo que nem sempre acontece — isto não será motivo para regozijo. Terá apenas surgido mais uma pátria, com seus preconceitos, sua banalidade e com seus fios a prender mais patriotas, impedidos de uma autêntica liberdade e responsabilidade.

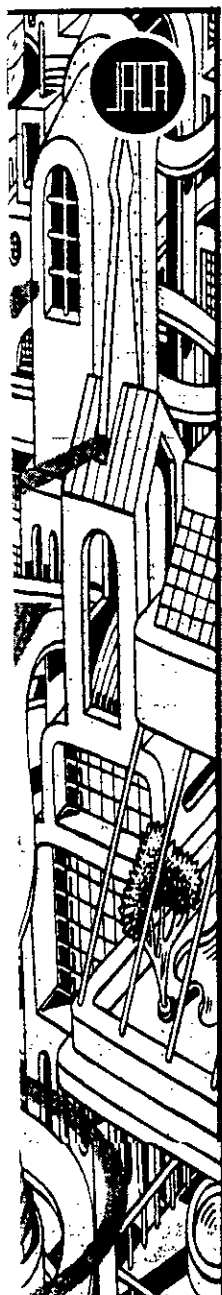
"O código social que rege o comportamento dos patriotas não é composto por regras conscientes, mas regras habituais que foram santificadas."

com mistério, eis o que me parece ser o núcleo do patriotismo.

Na sociologia, o mistério dos fios que me prendem à pátria é chamado "código social" e os sociólogos parecem afirmar que pode ser decifrado.

Todo habitante de toda pátria deve aprendê-lo e os ritos iniciáticos nas sociedades primitivas parecem comprová-lo. Aprendemos aparentemente as regras do nosso comportamento com as pessoas e as coisas da pátria e quem as

Nós, os migrantes, somos gente que não participa de segredos desta ordem, embora restos de tais segredos continuam amontoados nos cantos obscuros de nosso inconsciente. Por não termos segredos, somos transparentes para os nativos. Somos janelas através das quais os nativos podem ver o resto do mundo. Mas o fato de termos que viver em evidência é perturbador para os nativos: somos janelas "que mostram" e "que se mostram", ou seja, somos "monstruosos".



te as regras do nosso comportamento com as pessoas e as coisas da pátria, e quem aprendeu, seja sociólogo ou migrante, pode participar do mistério, ser patriota. A afirmação é enganosa, pois a realidade é outra.

O código social que rege o comportamento dos patriotas não é composto por regras conscientes, mas de regras habituais que foram santificadas. Quem segue tais regras não está consciente disso, pois segue por hábito. E se consegue conscientizar as regras, não mais está integrado. A percepção do mistério destrói o mistério, porque revela sua banalidade. Assim, não é possível querer aprender o misté-

ainda mal definidos.

Cultura — Para onde a filosofia ainda pode nos levar?

Flusser — Bacon dizia que o papel da filosofia é o do lixeiro. Deus e Diabo, na nomenclatura irônica do meu livro, são termos que conotam dúvida ontológica ou loucura. A sentença contida na sua pergunta procura dizer que por mais que duvidemos resta um finzinho de fé que pode ser extirpado apenas pela dúvida filosófica, não pela existencial e sofrida.

Cultura — Há os que dizem que a filosofia morreu e já vai tarde.

Flusser — Ignoro o significado de tal afirmativa, mas imagino que o que pretende é o fato de o discurso filosófico ser alfabético, discursivo, linear, processual, em suma: unidimensional e, portanto, superado por códigos mais avançados. Que seja. Porém, não acabou, repito, a dúvida exterminadora de restinhos de fé e tal dúvida pode articular-se em não importa qual código, filme, vídeo ou holograma. Com isso não nego o fato de que o meio influencia a mensagem e que o vídeo, por exemplo, jamais será canal de filosofia. Minhas preocupações são as várias formas como a existência se manifesta e não a identidade radical que se esconde por trás dessas manifestações todas. Tomo de Goethe uma sentença inquietante que sintetiza o que acabo de dizer: não procuremos penetrar as aparências, elas são o mistério.

4

para os nativos: somos janelas "que mostram" e "que se mostram", ou seja, somos "monstros".

A nossa "feiúra" não é somente o resultado de perturbarmos hábitos, mas o é, muito mais, por sermos evidentes. Os magrebinos em Marseille, os nordestinos em São Paulo, os ciganos e judeus por toda a parte são insuportavelmente "feios" porque fornecem a evidência de que a "normalidade" do nativo não é a norma absoluta, mas relativa a outras normas.

No entanto, na época atual, em que os "monstros migratórios" começam a formar a maioria da sociedade (não apenas na África faminta e se-

"Nós, os migrantes, somos janelas através das quais os nativos podem ver o resto do mundo. É perturbador para os nativos: somos janelas 'que mostram' e 'que se mostram'."

dentada, mas igualmente na América faminta de sensações e sedenta de aventuras), está surgindo nova luta, entre nativo e migrante, da qual é possível que surja novo tecido social, cujo segredo se aproxima mais do mistério de que fala Platão e o judeu-cristianismo que do mistério patriota. A medida que as infra-estruturas socioeconômicas das pátrias vão desmoronando e os fios da revolução informática vão se tecendo, está surgindo uma sociedade pós-neolítica que não mais terá pátrias. Nós, os migrantes atuais, temos a responsabilidade pela edificação de tal sociedade. Para tanto, devemos primeiramente erradicar os preconceitos que ainda a nós se ancoram, para depois tentarmos penetrar os preconceitos dos nativos, a fim de tecermos, junto a eles, os novos fios da nova sociedade. A tarefa não é desesperada, pois os nativos já não o são tão desesperadamente como o eram seus pais. E se conseguirmos tal feito, nós, os migrantes, com eles, os nativos, em colaboração responsável, estaremos construindo uma morada que permitirá a transformação de feiúra em beleza.